



P O E T R Y

# MEMORABILIA\*

Fernando Fábio FIORESE FURTADO

Imagem: Mauricio Mandler

Eram nomes no chão afundados.  
Jamais conheceram o poeta  
que, nesta manhã, ao mínimo  
se ajoelha e amealha um sorriso  
de estátua no rosto do avô,  
o perfume fóssil da primeira Lilith,  
*une clarinette dépaycée*, a professora-Eiffel,  
um cachimbo (*malgré* Magritte),  
o caderno de química de Augusto dos Anjos,  
a estante maior que a casa,  
maior que a cidade sob o *flamboyant*.  
Não precisaram de meus olhos  
para existir, nem de minhas mãos  
para desmontar esta paisagem  
onde um calendário descarrila  
em domingos sem missa ou namoradas.

Não há acordo com os mortos:  
da túnica inconsútil restaram  
apenas os alinhavos,  
da romã, um gosto amargo,  
na cristaleira, um copo lascado,  
acionando a dissolução de terrinas  
e taças, de bibelôs e baixelas.  
Não há memória para a primeira dor.

Mesmo os tios alfaiates desconhecem  
a fazenda e o fio com que tecemos  
- ou nos tece - essa camisa adulta  
de esquecimento, os bolsos vazios,  
a não ser por uma página  
da tabuada de menos.  
Inútil postular o périplo póstumo  
da bicicleta alemã:  
os pedais riem deste corpo  
sem rodas e sem rumo,  
pedalando para o caos.

Ah, esconder-se, lá  
onde sonha a linha,  
onde a cidade principia.  
Os membros dispersos nascendo  
da cifra e da blusa  
entreaberta da professora,  
nascendo da casa e da distância,  
enclausurada na concha  
de um caracol sem idade.

O ouvido nascendo do rio,  
quando não de suas enchentes,  
a seduzir os meninos  
com um inteiro dicionário de medos.  
Do quintal a mão nascendo,  
estrangeira a novembros,  
posto que alheia ao verbo  
que já inicia doendo.  
Os pés nascendo do muro  
caiado de horizonte,  
como uma estante onde  
intangíveis os livros operam,  
como um abismo portátil  
que atravessasse o rosto  
no ricto de todas as máscaras.

Os olhos ninguém adia,  
nem o nono mandamento  
nem o quarto interdito.  
Apuram-se na gelosia e amam  
o que se esconde, do cisco  
ao pássaro, da nuca ao regaço  
da vizinha cujas pernas  
interrompiam a cidade.

Por ausência a boca nasce  
de tudo que a preencha,  
compotas, credos, hiatos.  
E não há costura que defenda  
dos dentes da morte  
roendo os telhados,  
nem do beijo véspera do escarro,  
do turbilhão de fonemas acres  
que enquanto avança  
a voz do pai faz brilhar  
- antes a química,  
depois a semântica.  
Também brilhava um clarinete,  
criado à sombra da clave de sol,  
cansado de atravessar paredes  
e duas oitavas acima  
virar dor, serrote, martelo.

Para aviar-se o corpo encomenda  
o que a anágua promete  
assombrando a cerca:  
anas, amélias, cláudias,  
enigma escrito na água,  
uma sede de vida afogada.  
E os nomes no chão afundados,  
como gravetos, ossos  
desta bagagem  
com que atravessamos a manhã,  
até que os mortos acenem,  
até que interrompa o horizonte.

\* Do livro inédito A primeira dor (1994-1998).

